

Operário da Ruína: Melancolia e Criação em Augusto dos Anjos

Anne Greice Soares Ribeiro Macedo (UFBA)

A obra de Augusto dos Anjos impressiona pelas constantes referências à matéria morta e em decomposição. As descrições da perecibilidade humana e das misérias da carne assustam e seduzem o leitor que, fascinado por uma poética da podridão e da tristeza, avança pelas páginas de *Eu*, único livro publicado pelo poeta paraibano.

O título “Eu” já sugere certa projeção do homem na poesia e justifica a incursão biográfica empreendida na realização deste trabalho, cuja proposta inclui o esclarecimento das interseções entre vida e obra, espaços igualmente preenchidos pelas idéias de desagregação, doença e morte, num jogo que projeta na *persona* lírica os conflitos de um eu biográfico. As transformações sociais e econômicas que se operaram no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, repercutiram na trajetória pessoal do poeta. O Pau d’Arco, engenho de propriedade da família Carvalho Rodrigues dos Anjos, referencial de lar e abrigo, foi a primeira estrutura que o poeta viu ruir. Percebe-se que a idéia de um mundo em dissolução encontrou ressonância na desagregação de um mundo familiar e de uma ordem produtiva em plena decadência. Provavelmente, a queda desse mundo tradicional, onde se fincavam as suas raízes, representou, para o homem Augusto dos Anjos, a sua própria decadência, por sua vez ilustrativa de um destino reservado a toda matéria viva. Nesse sentido, o Pau d’Arco pode ser entendido como uma imagem das construções humanas destinadas à podridão, incluindo-se as organizações sujeitas ao desgaste promovido pelos conflitos que tiveram como ápice a Primeira Guerra Mundial.

A virada do século XIX para o XX foi um período conturbado e agitado por profundas transformações. Um desenvolvimento acelerado das atividades industriais propagou-se pelas grandes cidades, alterando os costumes, os ritmos da vida, as mentalidades. As estruturas produtivas da Europa se espraíram para todo o globo, alterando de forma brutal as economias periféricas.

Verificou-se um crescimento econômico no Brasil, mas a distribuição social dos lucros mantinha-se injusta. A imensa maioria da população ficava à parte dos benefícios

desse novo surto de desenvolvimento, bem como das decisões importantes, a participação popular na política nacional era irrisória. A exploração e a falta de regulamentação do trabalho gerava um imenso *déficit* social e os resultados eram visíveis: Não eram essas as promessas do progresso. A descrença era absoluta e a decepção, dolorosa.

A referência a essas condições sociais é constante na poesia de Augusto dos Anjos. Seu olhar angustiado esquadrinha as massas e o desequilíbrio do mundo. Da subjetividade do poeta ecoa a triste constatação do fracasso, do horror e um inquietante questionamento dos destinos humanos. Restaram as dores, a fragilidade do corpo consumido pela doença, o desgaste da matéria e a morte, as certezas de uma vida que é feita só de sofrimentos. Todavia, essas observações não se traduziam em um movimento explícito de luta e contestação da ordem vigente, como fizeram outros intelectuais do seu tempo, a exemplo de Lima Barreto e Euclides da Cunha. O poeta paraibano concentrou-se na exposição de um particularíssimo lamento, emitido diante das pinceladas de horror que compõem um quadro social carcomido.

Muitos intelectuais entendiam-se como imprescindíveis, representantes das idéias da época e capazes de apontar o verdadeiro caminho para um futuro estável. É provável que eles estivessem sinceramente imbuídos do desejo de contribuir para a construção de um país moderno, civilizado, inserido na ordem internacional. A realização dessas aspirações deveria ser consequência de ações conduzidas por um pensamento calcado nas doutrinas científicas que invadiram o Brasil nos últimos 30 anos do século XIX. Supostamente, a realidade social poderia ser explicada através de leis, conceitos e informações precisas que, devidamente manipulados pelo cientista, permitiriam a compreensão da sociedade e, por conseguinte, facilitariam o governo e o direcionamento do país. Mas a República concretizada no Brasil não promovera as transformações necessárias e nem franqueava espaço para o debate. A desconfiança e o desencanto terminaram por pairar sobre as elites pensantes. Augusto dos Anjos já não acreditava em futuro e, por vezes, parecia suspeitar de uma Ciência que se determinava a solucionar todos os enigmas. Além disso, sua filiação a doutrinas pessimistas de caráter metafísico deveria constituir outro obstáculo à plena adesão à Ciência. Na sua visão filosófica, o mundo é um grande hospital e os seres humanos, enfermos, pobres criaturas destinadas a arrastar suas misérias em direção à morte. No poema *Os Doentes* (ANJOS, 2002, p. 122-136), fica clara a inserção do Brasil como parte doentia dessa estrutura enferma, o próprio mundo.

Começara a chover. Pelas algentes
Ruas, a água, em cachoeiras desobstruídas,
Encharcava os buracos das feridas,
Alargava a medula dos Doentes!

Aquele ruído obscuro de gagueira
Que à noite, em sonhos mórbidos, me acorda,
Vinha da vibração bruta da corda
Mais recôndita da alma brasileira!

...Aturdia-me a tétrica miragem
De que, naquele instante no Amazonas,
Fedia, entregue a vísceras gluttonas,
A carcaça esquecida de um selvagem.

A civilização entrou na taba
Em que ele estava. O gênio de Colombo
Manchou de opróbrios a alma do mazombo,
Cuspiu na cova do morubixaba!

E o índio, por fim, adstrito à ética escória,
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,
Esse achicalhamento do progresso
Que o anulava na crítica da História! ...

Como quem analisa uma apostema,
De repente, acordando na desgraça,
Viu toda a podridão de sua raça...
Na tumba de Iracema! ...

O desencanto do poeta paraibano parece encontrar ressonância na desilusão dos intelectuais que o precederam e que, com pesar, viram seus desejos e crenças esvaziados pela ambição desmedida que escrevia a história nacional. Muitas criações artísticas e

trabalhos críticos refletiam esse mal-estar, a desconfiança e as decepções com uma ciência que prometia o progresso humano. A sensação de fracasso desse ideal e a desesperança no futuro dão o tom dos últimos versos de *As Cismas do Destino* (ANJOS, 2002, p. 102-115). A metáfora do mundo invertido e resignado confirma as enormes contradições e, ao mesmo tempo, afirma o sentimento de impotência do poeta, sua incapacidade de reação(direta), diante dos grandes equívocos que acabavam revelando a precariedade dessa Ciência, cujos princípios eram postos em xeque, diante dos olhos incrédulos dos que nela tinham depositado os seus mais caros ideais. As organizações políticas, a ética e a moral são descritos como mecanismos moribundos, partes de um mundo em ruínas e conduzido por uma força sinistramente representada por uma figura de mulher, a que ceifa vidas.

...O mundo resignava-se invertido
Nas forças principais do seu trabalho...
A gravidade era um princípio falho,
A análise espectral tinha mentido!

O Estado, a Associação, os Municípios
Eram mortos. De todo aquele mundo
Restava um mecanismo moribundo
E uma teleologia sem princípios. ...

...Mas a Terra negava-me o equilíbrio...
Na Natureza, uma mulher de luto
Cantava, espiando as árvores sem fruto.
A canção prostituta do ludíbrio!

Mas, se o desalento e o pessimismo impregnaram grande parte dos trabalhos críticos e literários do Brasil da Primeira República, no caso de Augusto dos Anjos, esse desânimo atinge o extremo da melancolia. Sua obra é marcada por uma expressão de dor profunda, resultado de um sentimento de inadequação diante de um mundo transtornado. O poeta revela a sua descrença, porquanto tudo é perda.

A melancolia em Augusto dos Anjos pode ser entendida como resultado do confronto de sua subjetividade com a experiência da perda, ocorrida num tempo que

avança e deixa para trás a decadência e a ruína. O poeta percebe-se como um ser precário, insuficiente. O momento é de destruição, cidades são derrubadas, dando lugar aos monumentos que louvam uma ciência duvidosa e um falso progresso. No entanto, a voz poética não vê mais que edifícios tortos, ruas sem saída, becos escuros onde se criam os vermes, os operários da ruína que andam a espreitar a civilização.

Via de regra, a melancolia é tomada pela fortuna crítica de Augusto dos Anjos como elemento motivador, externo à obra. Propõe-se aqui essa figura – a melancolia – como princípio interno, estruturante dos versos e capaz de dar coesão aos elementos do discurso. Esse elemento concatenador, a melancolia, é entendido como impossibilidade ou extrema dificuldade de lidar com a perda. Assim, o jovem que não suportou perder o mundo tradicional (e pessoal) do Pau d’Arco e o filho que não suportou perder o pai – e com sua imagem confundiu-se – pulsam e alimentam o intelectual que não suportou abandonar as ilusões de mudar o mundo no rumo do progresso. Todos esses sujeitos manifestam-se no poeta lírico que, diante das sucessivas transformações que a modernidade impôs, reagiu como se estivesse sempre ante o seu grande fantasma: a perda extrema, morte. Se é próprio do sujeito melancólico perder um objeto amado sem saber o que, ou quem, confundindo-se em meio a essa inexatidão, foi próprio a Augusto dos Anjos buscar esse EU perdido, em meio às imagens de um mundo apodrecido que estava morrendo.

Os vários elementos da poesia de Augusto dos Anjos indicam que a melancolia comanda a relação do poeta com o mundo moderno e, por consequência, com o lugar controverso que ele ocupa na modernidade. Foi isso que se procurou evidenciar até então, sobretudo com a noção de que Augusto dos Anjos viveu num mundo periférico, subitamente transfigurado, reflexo dos projetos modernizadores implementados nas metrópoles. Supostamente, essas transformações geraram perdas, diante das quais ele reagiu com ânimo melancólico.

Reinaldo Marques, em “Tempos modernos, poetas melancólicos” (MARQUES, 1998, p. 159-171), percebe a melancolia como um tema recorrente em um grupo de poetas mineiros, entre os quais Carlos Drummond de Andrade. Em “Alguma poesia”, no poema *Nota Social*, Drummond afirma que “O poeta está melancólico” porque não encontra o seu espaço em um mundo marcado por relações mecânicas que acabam impossibilitando o contato, a comunicação entre a poesia e o povo. Para tecer as necessárias considerações sobre o tema da melancolia, o ensaísta parte da reflexão de

Freud, em “Luto e melancolia”, estabelecendo uma aproximação entre os dois estados, em razão de ambos resultarem da reação à perda de um ente ou objeto querido, o que provoca um comportamento marcado pelo desinteresse diante do mundo e um estado de espírito intensamente sofrido. Entretanto, para Freud, no trabalho de luto sobrepõe-se o princípio de realidade, sobrevivendo a capacidade de substituição do objeto perdido por outro, depois de um certo tempo, quando o sujeito retoma as suas relações com o mundo externo. Em relação à melancolia, o sujeito não se refaz da perda porque desconhece o que perdeu, por isso a superação do estado de melancolia é problemática, caracterizando-se por uma insatisfação do ego, que será objeto de rigorosa crítica.

A personalidade melancólica reflete uma fragilidade que resvala para auto-recriminação, sentimento de inferioridade, culpa. Se, no luto, é o mundo que se torna vazio, na melancolia o vazio concentra-se no próprio eu. Nesse sentido, nas palavras de José Paulo Paes (PAES, 1985, p. 81-92), “...mais que um brado de egolatria, o título do único livro de Augusto dos Anjos é uma proclamação da falência do eu...”.

Ao considerar a incidência dos vocábulos científicos na obra do poeta, Paes aponta para a estética *art nouveau* e a sua proposta de conciliar necessidade técnica, vontade artística e natureza. Assim, afirma que o léxico cientificista de Augusto dos Anjos é tributário de disciplinas biológicas assimiladas a partir do legado de Haeckel que lhe teria forjado a visão de mundo, favorecendo o desenvolvimento de uma ânsia de retorno ao estado de não-ser, através da morte, pondo fim à sua individualidade sofredora, origem de todas as dores, segundo a filosofia de Schopenhauer e as crenças budistas. Entretanto, essa busca pelo Nirvana não se processa mediante a contemplação involuntária. Herdeiro do século da ciência, o poeta busca recuperá-lo nas incursões pelo mundo microscópico, embrenhando-se nos mistérios da monera, num percurso que visa a chegar ao início de tudo, o momento das coisas não particularizadas. O poema de abertura de “Eu”, *Monólogo de uma Sombra* (ANJOS, 2002, p.91-96), traduz esse percurso cíclico, da sombra “...à palidez das fotosferas mortas.”

A ausência de um objeto absoluto provoca no melancólico uma dor profunda, consequência da impossibilidade do encontro com a coisa perdida. Nesse sentido, Augusto dos Anjos parece ter procurado nos poemas uma representação das “coisas” que perdera, uma identificação para si mesmo.

O filósofo alemão Walter Benjamin também analisou a melancolia e suas figurações. Para explicar o que ele denomina de dialética de Saturno (astro que, segundo doutrinas de influências astrais, rege o sujeito melancólico), o ensaísta evoca a

concepção mitológica de Cronos e sua dualidade. As incoerências não se restringem apenas às ações do Deus, atingem também o seu destino pessoal, e de forma tão nítida se evidenciam essas polaridades que se pode considerá-lo como uma junção de opostos: Senhor da Idade do Ouro e Deus triste, destronado; Pai e devorador de seus filhos; sábio e inteligente, mas vencido pela astúcia. A partir desse paralelo, compreende-se melhor a configuração astrológica de Saturno, a intensidade de suas contradições. Susan Sontag (SONTAG, 1986, p. 85-103), ao analisar a melancolia de Walter Benjamin e a sua relação com a produção intelectual do teórico alemão, afirma que a influência de Saturno faz o indivíduo perceber-se como inepto, sonhador e obstinado. Para a autora, a característica do temperamento melancólico é a relação inflexível e inexata com o eu que precisa ser desvendado, daí ser apropriada aos intelectuais e aos artistas.

Segundo Benjamin, o herói da modernidade é marcado pela melancolia. Partindo do pressuposto de que Baudelaire procurou identificar sua imagem de artista com uma imagem de herói, o ensaísta alemão delineia o mundo moderno e a importância nele assumida pela configuração heróica (BENJAMIN, 1989, p. 67-101). Para o poeta francês, nesse novo mundo são outros os heróis e o proletário, o despossuído, o camponês empobrecido passam a figurar na sua poesia, uma poesia que não se encontra nos templos fechados, mas na rua, sintomaticamente, o novo lugar do poeta, porquanto a beleza poderia surgir da matéria transitória e efêmera da vida presente. É o próprio Baudelaire quem escreve em 1851:

...Não importa o partido a que se pertença – é impossível não ficar emocionado com o espetáculo dessa multidão doentia, que traga a poeira das fábricas, inspira partículas de algodão, que se deixa penetrar pelo alvaíade, pelo mercúrio e todos os venenos usados na fabricação de obras-primas... Essa multidão se consome pelas maravilhas, as quais, não obstante, a terra lhe deve. Sente borbulhar em suas veias um sangue púrpura e lança um olhar demorado e carregado de tristeza à luz do sol e às sombras dos grandes parques... (BAUDELAIRE, 1989, p. 73.)

Dessa população que penosamente arrasta os seus destinos surge o herói, o verdadeiro objeto da modernidade, porque, para vivê-la, segundo o filósofo alemão, é necessário uma constituição heróica. Para ele, as muitas resistências, sempre superiores às forças humanas, impostas pela modernidade aos impulsos produtivos do ser humano, vão enfraquecendo-o, de forma a levá-lo a procurar uma saída na morte. É assim que o suicídio aparece como signo da modernidade, mas não o suicídio rendição, antes a

paixão heróica pela vida, estetizada num último ato a ser gravado na memória do mundo. Por isso, o herói da modernidade é melancólico. E assim, o poeta se debate, em um mundo cujas configurações transformaram-se brutalmente, diante do desafio da expressão. Ressentindo-se da falta de reconhecimento da sua voz, o sentimento mais contundente desse poeta é o de inadequação.

A via benjaminiana torna possível uma leitura da melancolia, retirando-lhe o caráter negativo e patológico. No melancólico, a atitude crítica diante do eu, bem como o recolhimento que resulta num estado de contemplação, pode relacionar-se a uma postura de desconfiança e questionamento do mundo moderno. Em razão disso, o saturnino passaria a ser considerado como alguém em estado de perplexidade e, por isso mesmo, capaz de uma reflexão mais profunda, favorecendo uma percepção mais nítida acerca da realidade. Nesse sentido, o sujeito parece estar mais apto a acolher a dúvida quanto às certezas estabelecidas.

A poesia de Augusto dos Anjos, em muitos momentos, revela o ensimesmamento do eu diante dos embates gerados pela experiência da perda, consequência de um mundo em transformação e ruínas, deixando transparecer, ainda, dúvida diante das verdades consagradas, disso resultando uma atitude crítica frente às certezas estabelecidas pela ciência. Assim, a sua poesia pode ser compreendida como uma tentativa de juntar os fragmentos do mundo, da vida, do próprio eu. Ao contemplar os desastrosos caminhos da civilização moderna, o poeta vê fenecer todas as suas crenças e, na sua *Idealização da Humanidade Futura* (ANJOS, 2002, p. 99), encontra apenas a falência de tudo, a decadência e a morte.

Assim entendida, a melancolia se converteria em um sentimento valoroso porquanto efetivamente responsável por uma atitude crítica diante da realidade, concepção presente, sobretudo, em “Origem do drama barroco alemão”ⁱ, obra em que Benjamin demonstra os pontos comuns entre o século XVII e o XX, entre o mundo barroco e o moderno, suas marcas de decadência e ruína e o destino que conduziria ambos à putrefação e à morte: o primeiro pela efemeridade e o segundo pela preponderância das relações mercadológicas. Ao identificar essas semelhanças, o ensaísta alemão objetiva, através do alegórico e de uma meditação melancólica, salvar o barroco e, por via de consequência, a modernidade, cujas ruínas são análogas às do barroco.

Ao avaliar o estado de tristeza, Benjamin, na obra citada, associa-o à acedia, a partir da ação de Saturno, planeta capaz de provocar uma predisposição à inconstância.

Como acedia, a melancolia do tirano leva-o à indolência, à indecisão e o Príncipe é destruído. Entretanto, no cortesão, detentor de um saber melancólico também inspirado por Saturno, a melancolia irá condicionar a sua infidelidade ao príncipe. O cortesão trai o príncipe por fidelidade aos seres e às coisas. Benjamin ressalta a vinculação da melancolia à genialidade e à loucura, enfatizando, ainda, a capacidade da percepção melancólica de identificar os erros do tirano. “...A melancolia trai o mundo pelo saber. Mas em sua tenaz auto-absorção, a melancolia inclui as coisas mortas em sua contemplação, para salvá-las. ...” (BENJAMIN, 1984, p. 179).

Parece ser este o resultado do olhar melancólico que Augusto dos Anjos lança sobre o mundo: uma poética das coisas mortas. O mundo estilhaçado é lugar de dor e o homem, seu habitante maldito. O poeta parece compreender a história como história do sofrimento e a ruína é o que resta de uma civilização subjugada pelo destino, aproximando-se, assim, da concepção barroca da história, uma sucessão de catástrofes que direciona a humanidade para o fim de tudo. Eis a alegoria barroca que se organiza, como a história-destino, em torno da morte. Entretanto, a alegoria quer significar e é pela significação que o alegorista busca conhecer as coisas criadas, salvando-as do perecimento resultante da ação da história natural. Pela significação, as coisas podem ser preservadas das sucessivas transformações porque só ela é estável. Assim, a alegoria retira o objeto do seu contexto, privando-o da vida, porque a morte não é apenas o seu conteúdo, mas o seu princípio estruturador. Daí que ruínas e fragmentos são as matérias-primas da alegoria. Todavia, essa violência pode ser dotada de um sentido construtivo, porque busca a preservação. Então, quando as tintas do poeta paraibano cobrem o mundo com as cores da morte, elas atuam de modo similar àquele da alegoria barroca, e acabam por preservar o mundo, através da significação.

A leitura benjaminiana do luto e da melancolia aponta para o fato de o luto acontecer por força de uma coerção, fazendo o indivíduo contentar-se com a perda. A melancolia, no entanto, representaria uma luta, ainda que através de uma atitude de imersão na própria dor, daí as alucinações e as visões fantásticas que acometem o melancólico. Augusto dos Anjos não foi um resignado, a sua poética é, antes de tudo, rebeldia, inconformismo. Essa postura de resistência responde pela capacidade de o sujeito elaborar reflexões mais perspicazes acerca da ordem, da vida e do mundo, possibilitando o questionamento da história. Refletindo sobre os seus equívocos, ele deixa um testemunho, uma voz.

Por um mecanismo associativo, podemos ver, nas imagens “mórbidas” do poeta paraibano, uma aguda consciência crítica igualmente “redentora”. Talvez seja esse o elemento que exerce, sobre o público, uma atração magnética, fazendo-o há tantos anos absolutamente fiel ao único livro de Augusto dos Anjos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 73.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: 1984, Editora Brasiliense.

FREUD, Sigmund. Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. de José Octávio de A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI.

FREUD, Sigmund. Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. de Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Brito e Cristiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago Vol. XIV.

KOTHE, Flávio René. A obra de arte como ruína alegórica. Suplemento Literário de Minas Gerais, 27/11/1976.

MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

PAES, José Paulo. Augusto dos Anjos e o art nouveau. In: _____. *Gregos e baianos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PERES, Urania T.. Depressão e melancolia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ROUANET, Sérgio Paulo. Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SONTAG, Susan. *Sob o signo de saturno*. Trad. de Ana Maria Capovilla e Albino Poli Jr. Porto Alegre: L&PM, 1986.

ⁱTrata-se da tentativa de reconstituição do século XVII. Para tal, o autor utiliza encenações barrocas, nas quais figuravam, via de regra, as personagens mais importantes da sociedade, objetivando a demonstração da fragilidade humana e a sua incapacidade de conduzir-se, porquanto no contexto da Contra-Reforma a salvação se dava, única e exclusivamente, pela fé. O ser humano ficava reduzido a uma história cega que caminha para a catástrofe. Assim, aparece na “cena” o Príncipe, como elemento central e o cortesão, como seu conselheiro. O espaço onde se desenrola a ação e a salvação secular é a corte.